

MyRIAM SCOTTI **TERRA  
ÚMIDA**

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2021*

1958

1

Um ontem não tão distante, apesar das tantas décadas transcorridas e de meus cabelos já serem brancos como a neve que nunca conheci, os fatos retornam à minha mente com detalhes: o céu demasiado azul e o calor forte, abafado, não deixavam dúvidas de que o mês de agosto havia chegado com toda sua pujança. À nossa volta, a beleza comovente da floresta me fazia viajar para o interior da alma, uma grande aventura que começava de dentro para fora do corpo. Talvez por isso eu jamais me cansasse de navegar por aqueles rios que me provocavam imersões tão profundas quanto suas águas. A cada curso percorrido, a natureza se descortinava em um espetáculo quase secreto para os olhos de quem escolhia gastar os dias navegando e se embrenhando pelos interiores misteriosos da Amazônia, embora naquela tarde de esplendor, o que nos parecia impossível, aconteceu: nuvens negras se formaram de repente, trazendo a tempestade apressada em desabar sobre as águas negras e até pouco tempo espelhadas que havia diante de nós, deixando-nos na angústia de saber se passaríamos ilesos.

A paisagem escurecia sem que pudéssemos fugir de toda a chuva que estava para irromper, num prenúncio de desafio a

quem ousava por ali navegar. O verão amazônico se anunciava violento, inserto em sua própria selvageria e ainda faltavam três dias para chegarmos a Manaus. Estávamos em meio ao nada. Apenas o infinito de águas nos cercava. Inimaginável que uma tarde bonita como aquela pudesse se transformar, trovões começariam a ribombar e uma chuva torrencial cairia sobre nós. Ventos fortes e atípicos sacudiam a embarcação, como se fôssemos um barquinho de papel. Um dos marinheiros chamou a nossa atenção para uma mancha que lembrava um grande disco e se formava na superfície do rio, a certa distância. Curiosos, corremos todos para saber do que se tratava e então vimos surgir um anel de água, que logo ganhou força, formando uma imensa tromba. Mesmo percorrendo rios há alguns anos, só tinha ouvido falar do fenômeno e até duvidava de sua veracidade. As histórias de pescador eram muitas e cheias de lendas na região. Para nosso desespero, lá estava ela: a mancha impiedosa a formar um grande redemoinho, cuja altura impressionava a todos.

Ao mesmo tempo em que precisávamos agir para sair da rota da tromba d'água, ficávamos hipnotizados por sua beleza. Feito canto de sereia, o fenômeno nos chamava e à medida que o redemoinho se movia, ondas surgiam como se estivéssemos numa tempestade em alto-mar. Nosso barco de médio porte, bastante moderno para a época, conseguiu desviar a rota sem muita dificuldade para nos manter a uma distância segura. Aquela imensa coluna giratória nascida das nuvens de tempestade, apesar de toda sua força, durou não mais que vinte minutos. Conforme o redemoinho se dissipava, pingos

cada vez mais grossos começavam a cair, e por isso começamos a baixar as lonas do barco para que a água das chuvas não invadisse em demasia, mas deixando o ambiente sufocante e a tripulação agoniada com a agitação das águas. Em segundos, os pingos de chuva formaram uma cortina branca típica das enxurradas, um véu de noiva sobre o barco, impedindo nossa visão para continuarmos o percurso. A viagem, que até ali tinha sido sem grandes aventuras ou surpresas, acabara de se tornar a melhor história para se contar quando voltássemos para casa. Como a natureza era dissimulada, a rir-se de nossa ingenuidade ao presumir já conhecê-la o suficiente.

O comandante, percebendo o terror nos olhos de seus marinheiros, tratou de nos acalmar. “Já passei por muitas outras tempestades iguais ou piores que essa e não vai ser dessa vez que meu ‘Muiraquitã’ vai me deixar na mão”. Aos poucos, a chuva se tornou menos abundosa, o vento se transformou em brisa e, como se nada daquilo tivesse acontecido, o sol apareceu discreto entre as nuvens, deixando o fim de tarde em tons de laranja, trazendo-me à memória a minha África que nunca esqueci.

Nessa época, fazia dez anos que minha família e eu havíamos deixado o Marrocos. Saí da cidade de Tânger, onde nasci, aos treze anos de idade, após minha festa de *Bar Mitzva*. Minhas lembranças da infância são de cores quentes, tecidos e especiarias vendidas nas medinas marroquinas, repletas de seus moradores muçulmanos e judeus, bem como de turistas fascinados pelos cheiros e pelos tons do norte da África. Estimava tanto aquela atmosfera que pouco me importava ser um

lugar por vezes inóspito para nós, judeus. Éramos minoria, um bando sempre em fuga. Apesar das tentativas de convivência pacífica com outros povos, não escapávamos do desdém nem de algumas violências, tanto que éramos reduzidos aos espaços destinados às *Mellahs*, dentro das medinas, para não nos misturarmos. Mas nada disso tirava a beleza e o amor que eu sentia por aquele lugar. Ainda que as guerras civis fossem muitas, ainda que as pestes levassem tantos de nós devido às péssimas condições sanitárias, o Marrocos era o meu lar. Não à toa, quando meus pais decidiram sair de lá para vir atrás da prosperidade de que tanto ouvíamos falar em terras amazônicas e também da segurança de podermos praticar a religião sem temer a discriminação, fiquei injuriado e a tristeza se apoderou de mim durante os dias que se seguiram à notícia de nossa partida. Da mesma forma que aqui, o Marrocos transbordava em cores e cheiros peculiares, deixando naqueles que por lá passavam a vontade de retornar. É como tenho levado os anos de minha vida, sempre querendo regressar, que nem uma criança à espera de um dia retornar ao útero da mãe. Aprendi quando aqui cheguei que isso se chama saudade, a memória do que não queremos esquecer.

A noite posterior à tempestade se chegou mansa, pedindo desculpas pela tarde enfiada e carregando consigo uma quietude perturbadora para os meus ouvidos, que ainda retumbavam os barulhos e os gritos das horas passadas de agonia. A escuridão avançava aos bocados, sem pressa, unindo os horizontes de céu e rio em um único pretume, mesmo que, ao olharmos para cima, fôssemos contemplados por um espetáculo de estrelas, asseverando que a natureza podia ser mãe e carrasco num só dia. Encostei-me na proa e olhei em direção ao único feixe de luz existente, responsável por nos devolver para casa. Era difícil afastar da minha mente inquietos os momentos de perigo que acabáramos de enfrentar. Nessa noite, os maus pensamentos foram se deitar comigo e fui assombrado por pesadelos. No primeiro deles, eu estava nadando no meio do Rio Negro, então percebia uma onda gigante se formar e vir em minha direção. Desesperado, nadava até à praia e conseguia sair da água e começava a correr, mas a onda continuava a me perseguir, invadindo o areal, derrubando as árvores, destruindo tudo pela frente. Depois, sonhei que nosso barco era tragado pela tromba d'água e ficávamos girando dentro do imenso redemoinho e não conseguíamos sair dele. Em outro, que me fez despertar gritando, afogava-me porque não conseguia pegar a corda que meus companheiros haviam jogado.

Esses sonhos malditos me acompanham desde então. Vez ou outra eles me visitam para tornar as minhas noites intranquilas. Nós, tripulantes do Muiraquitã, já estávamos acostumados às chuvas torrenciais de verão e sabíamos que aquele tipo de tormenta era comum nesse período do ano, mas confesso que fiquei aterrorizado com o temporal e achei que nosso barco viraria. Das vezes que acompanhei meu pai em sua vida de *regatão*, ele costumava prestar atenção no vento. Ele dizia que, se o vento entortasse o matagal com mais força, é porque chegara a hora de encostar o batelão em algum lago próximo antes do toró arriar. Não acreditava nas previsões de papai, pois, quando olhava para cima, via um céu sem nuvens e um sol que só faltava rachar nossas cabeças. Mas, em pouco tempo, a profecia se realizava e uma enxurrada desabava sobre nós e então ele olhava para mim: “observe o vento, Abner, não o céu. É o vento quem nos conta os segredos da floresta”. Quando essas chuvas aconteciam à noite, pernoitávamos e esperávamos o dia seguinte para então regressar.

Meu pai aprendeu muito rápido a conhecer os caminhos que andam dos rios e igarapés da Amazônia, bem como seu clima exorbitantemente equatorial. Ele costumava puxar Isaac e eu para conversar e nos ensinar sobre aquele mundo novo que desbravávamos com paixão. Explicava que os meses de julho e agosto trazem águas chateadas com o calor e que devíamos esperar rios e florestas revoltos com sua própria natureza. Talvez por isso, a chegada do verão fosse a época em que a saudade de Tãnger me habitava ainda mais. Sentia falta dos ventos tranquilos, da temperatura amena, das águas

límpidas de suas praias, dos meus pés descalços na areia fofa e úmida, do vai e vem das ondas que minha mãe me ensinara a amar tal qual gente.

O fato é que aquele sono agitado pelos tantos pesadelos fez-me levantar antes de o sol despontar seus primeiros raios. Aproveitei para assistir ao amanhecer que transformava a paisagem. De repente, ao olhar para baixo, em vez de rio, enxergava o firmamento. Como se sob feitiço, as águas negras transformavam-se em espelhos e passavam a refletir as copas de árvores gigantescas e o céu, uma pintura retirada de um sonho. Passamos o dia atravessando a correnteza amena e falando sobre a tromba d'água enfurecida. Mais um dia havia se findado, oferecendo-nos em seu lugar uma lua cheia que acendia a noite, escorria pela copa das árvores e reverberava nas águas.

A viagem percorrendo o Rio Negro já durava mais de um mês. Em seus braços, muitos lugarejos, vilas e comunidades para abastecermos com nossas mercadorias. Prevendo que algo grave me esperava em Manaus, ansiava, como nunca, voltar para casa, para os meus, ainda que o amor pelas águas e pela abundância da floresta fosse grande. Desde o dia em que meus olhos pousaram nos tons ora castanhos, ora negros dessas águas, a atração fora imediata. O exato momento em que me deparei pela primeira vez com a imensidão da mata e dos rios, assim que adentramos o território amazônico, me comove até hoje. Há tantos anos morando aqui e a paisagem ainda me abisma. Depois de passar meses navegando para sair do Marrocos, apaixonei-me pelos portos e navios,



principalmente os mercantes. O porto da cidade de Manaus se tornou o meu refúgio para os bons e maus momentos. De alguma forma, o cheiro da fumaça das embarcações, o movimento constante das pessoas apressadas para viajar, a perturbação de quem ia e de quem ficava, os gritos dos mercadores tentando, a todo custo, vender seus produtos e a atmosfera de desordem, resgatavam as minhas memórias de Tânger, feito abraço de vó.

Ao lado do porto de Manaus, ficava o Mercado Municipal, como é até hoje, o segundo lugar que mais estimo na cidade e onde fiz grandes amigos. Sempre que eu voltava de viagem pelo Médio e Alto Rio Negro, antes de seguir para casa, alguns tripulantes e eu passávamos pelo Mercado para entregar as sacas de farinha de mandioca e a piaçava que alguns comerciantes nos encomendavam. Naqueles últimos tempos, com a crise da borracha, o extrativismo de outras riquezas amazônicas salvou o nosso comércio. Até 1910, a produção de látex fazia de toda a região amazônica uma das mais prósperas do país. Manaus esbanjava riqueza com seus ares europeus e ninguém imaginara que passaríamos por uma crise tão grande, responsável por levar muitos seringueiros à miséria, diante do abandono dos seringais por parte de seus donos. O ouro negro entrou em decadência depois que a produção asiática tomou o nosso mercado. Os espertos ingleses levaram milhares de mudas de seringa para a Malásia, selando assim a nossa desgraça. O cenário econômico da região foi obrigado a se reinventar e, com isso, as empresas de frotas mercantes também se reajustaram à nova realidade.



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Adobe Garamond  
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em março de 2021.

---